

NAS JANELAS DA ESCOLA

neuzi helena postiglione mansani
Mestre em Educação

Ao ouvir com profundidade muitas palavras usadas pela escola, ainda hoje, torna-se visível para nós o que era invisível; as palavras-ressonância, que têm marcado as regularidades do cotidiano, trazendo convenções descontextualizadas.

Ruptura no sentido de conquistar os meios de passar pelo crivo de questionar um conjunto de influências e hábitos que tendem a impor-se como naturais porque constituem o meio no qual está mergulhado há muito tempo

Da ruptura com alguns termos utilizados no interior da escola, como palavras carregadas de um significado contraditório a uma proposta inovadora que se pretende. Consideramos esta ruptura não como uma questão de simples troca de palavras, mas como um posicionamento teórico. Assim, rompemos com o termo *tia* - a tia da escola. Professora não é parente postigo, a professora da escola fundamental precisa reconquistar sua identidade, seu espaço como profissional competente e comprometido com a transformação social.

Rompemos com o termo *tarefa* (trabalho que se deve concluir em determinado prazo e, algumas vezes, por castigo) na tentativa de superar o autoritarismo da escola pela consciência do trabalho escolar; passamos a denominar *compromisso* (obrigação ou promessa mais ou menos solene) escolar, com a preocupação de formar os/as alunos/as por um lado para a comunicação, para o diálogo e por outro lado para a reflexão sobre o porquê das atividades propostas pela escola e pelo grupo.

Rompemos com o termo *correção* - como ato de corrigir, extirpar os erros, os defeitos, os vícios. Se considerarmos o "erro" como hipóteses do sujeito em face de sua experiência e indicador de avanço na construção do pensamento, precisamos fazer ajustes na nossa linguagem. Como corrigir o que não consideramos erro?

Assim, temos substituído o termo *correção* por *verificação* - que verifica, investiga a verdade, processo de intensa capacidade cognitiva. Principalmente a autoverificação, quando cada aluno realiza a verificação, não tendo seus cadernos ou apontamentos sangrados pelo professora, pois cada aluno sabe que precisa checar suas hipóteses de trabalho, e vai, assim, progressivamente desenvolvendo a observação, percepção e reflexão no caminho da autonomia intelectual.

Rompemos com o termo *recuperação*, introduzido pela Lei Federal 5692/71. O que ainda não foi construído não pode ser recuperado. Recupera-se um motor avariado, um objeto quebrado, uma jóia roubada, mas uma criança que está na escola para um processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Numa proposta de análise dos diferentes registros efetuados pelos alunos permite à professora diagnosticar a aprendizagem de cada aluno e da classe como um todo, em relação aos avanços, retrocessos, dificuldades e lacunas ocorridos, analisar as variáveis sociais e psicológicas intervenientes e interferir imediatamente no processo através do que denominamos *estudos complementares*.

Buscar rever cada palavra na minha história pedagógica tem sido uma constante. Daí a (re)significação das palavras cristalizadas pela escola na cotidianidade. Na atividade humana não ocorre apenas o cotidiano, mas também momento de ruptura com o cotidiano - momentos significativos, pois supõem uma explicação a nível de consciência reflexiva e crítica, supõem uma nova e mais aprofundada consciência crítica que, ao ser incorporada no cotidiano, cria uma nova qualidade nessa realidade.

nmansani@terra.com.br